

THESE DE CONCURSO

À CADEIRA DE PROFESSOR SUBSTITUTO

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

NO

Imperial Collegio de D. Pedro II

APRESENTADA Á DEFESA POR

ARTHUR DE OLIVEIRA

V-257, 1, 2 m. 30

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS

72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

1879

57/15
257-1,2 in 30

THESE DE CONCURSO

A CADEIRA DE PROFESSOR SUBSTITUTO

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

NO

Imperial Collegio de D. Pedro II

APRESENTADA Á DEFESA POR

ARTHUR DE OLIVEIRA



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS

72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

1879

CONCURRENTES

Dr. Carlos Ferreira França, conego Dr. Manoel
da Costa Honorato e o autor

BIBLIOTECA
BRASILEIRA
NACIONAL

J.622.848 AA

25/08/2022

B869.09

ms
9/7/75

INTRODUÇÃO

C'est par l'éducation de civilisation que se fait l'assimilation ; elle infuse partout l'esprit d'expérience, grâce au progrès des sciences. Les races et les sous-races qui se montrent capables de la recevoir ne tardent pas à devenir dignes d'entrer en compétition avec celles qui sont leurs anciennes dans l'œuvre sociale.

E. Littré, *Littérature et histoire.*

A litteratura de um povo não é sómente a mais clara expressão do seu genio nacional, é também a « *sua propria geographia* », segundo Walt Whitman, com todas as características que a accentuam e a individualisam.

Tirae á inspiração americana a perspectiva azulada das montanhas, a fantastica projecção das florestas seculares, a extensão melancolica e selvagem dos descampados, as miragens ridentes do seu horisonte, as cachoeiras marulhosas que se desdobram em cachões de espuma, os lagos de anil que reflectem os luminosos crivos de um céu sempre de opalas e de purpura, a doce e profunda magia dos crepusculos tropicaes, a vibrante symphonia dos pampeiros rugidores, as delirantes tragedias do sol, a colera tremenda dos seus rios oceanos, os assombros estupendos da vege-

tação equatorial, e não comprehendereis as odysseas indigenas de Fenimore Cooper, o lyrismo *créole* de Leconte de Lille, os fastos autochonicos de Carlos Sealsfield, o *humour* bizarro de Nathaniel Hawthorne, as paysagens californianas de Joaquim Miller, as agrestes e dramaticas narrativas de Bret-Harte, a colorida suavidade de Palma, de Corpancho ou de Guido Spano, e o flammejante *brasileirismo* de José de Alencar. É que entre os sitios e os espiritos ha affinidades electivas, intimas e mysteriosas como os sentimentos indefiniveis. « A alma das regiões, disse-o Lamartine, parece passar para a alma dos homens: Mahomet sae dos valles ardentes da Arabia; Luthero, das frias montanhas da baixa Allemanha; Calvino, das planicies inanimadas da Picardia; Cromwell, das charnecas estagnadas do Ouse. Tal logar, tal homem. A alma é um espelho antes de ser um lar. » (1)

A critica do nosso seculo, estudando as obras do escriptor e os monumentos da arte, sob o triplice ponto de vista da anthropologia, da linguistica comparada e da philosophia da historia, não só arrancou dos ossuarios do tempo as raças extinctas, para lhes perguntar—os segredos do velho mundo, como resolveu o mais difficil problema que, porventura, a actividade scientifica impoz ás suas audaciosas reconstrucções historicas: a analyse das relações das litteraturas com os mythos e as religiões—fonte commum de todas as manifestações do espirito humano.

Applicando a theoria do *meio* ao estudo das epopéas nacionaes, alargou os dominios da exegese litteraria, fazendo irradiar uma luz mais intensa e vivificante. Essa irradiação foi como a voz do caminho de Damascó, indicando aos Saulos de Tarso os arrojados destinos que se levantavam diante das interrogações da sciencia, e das vivas aspirações do ideal moderno. Libertava-se emfim a intelligencia do jugo da convenção das eschololas, e do ferreo despotismo dos *scholiastas*. Explicaram-se então, graças ás profundas investigações da critica alleman, franceza, ingleza, flamenga e italiana, as fontes e os veios das tradições poeticas: os hymnos orphicos, o Isdubar da Chaldéa, os cantos dos aedos do archipelago, a grandiosa e terrivel theogonia da Thessalia, a poesia biblica dos bardos do Garizin e do Jordão, as gigantescas Ityasas da India, os pantoums e os ghazels do cyclo lyrico dos crentes do Islam, as vigorosas

(1) Lamartine, *Cromwell*, p. 9.

epopéas de Ossian, e de Antar, as rudes e heroicas rhapsodias da Grecia, os symbolos do Talmud, de Sanchoniathon e de Hermes, as slokas elegiacas dos poetas do seculo de Vicramaditya, os Eddas dos scaldas escandinavos, o Peiven-parneh da Laponia, o lyrismo casto dos minnesingers da Suabia, os colossaes Niebelungens da Germania, as Sagas cosmogonicas da Islandia, o Kalevala da Finlandia, os epicos Yaravi do novo continente, o Popul-Vuh do Mexico, os Vikings normães, a vehemencia lyrica dos troubadours da Aquitania, o ascetismo arrebatador dos menestreis errantes da Ombria, os risinhos fabliaux dos trouvères francezes, as lendas mysticas dos agiologios e os pittorescos Romanceiros peninsulares.

Estudadas as tradições dos aborigenes, o sentimento intimo das épochas e as riquissimas fórmulas da poesia popular, a poetica tomou uma outra direcção, tornando-se, segundo a linguagem da philosophia alleman, menos *subjectiva*.

Dahi o renascimento litterario do principio deste seculo: o *romantismo* de 1830, em França; a influencia de Lessing, de Gæthe e de Schiller, na Allemanha; o movimento operado por Garrett e Herculano, em Portugal.

No Brasil, a emancipação litteraria não seguiu de perto a emancipação politica.

Vozes generosas, é verdade, (e entre essas é digno de assignalar-se o nome que atravez a distancia historica ainda nos faz bater o coração — o de José Bonifacio de Andrade e Silva) incitavam os escriptores conterraneos á laboriosa obra da nacionalisação da nossa litteratura.

A poesia colonial vinha das estufas aristotelicas e dos outeiros; trazia o *euphuismo* e o alambicado dos *concelli*: não podia servir de molde ás inspirações expontaneas da musa brasileira, nem satisfazer já á soluçào do problema: era portugueza demais.

Os *Poetas Mineiros da Arcadia Ultramarina* viram a patria pelo frio prisina da rhetorica universataria, com os olhos ainda cheios da severa e magestosa poesia do Tejo, do Douro e do Mondego. José Basilio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão, apezar de acharem « esse veio occulto da riqueza épica, a *tradição*, » no dizer de Theophilo Braga, (1) apenas prepararam o caminho para a originalidade da litteratura que, sessenta annos mais tarde, á

(1) Manual da Litteratura Portugueza p. 443.

de tantas vergonhosas defecções: confortando-a, emfim, na religião da familia, tristemente profanada no mais intimo do lar; essa linguagem era uma voz vinda do céu, um canto mystico tangido em harpa de anjos. » (1)

A separação politica já tinha creado matizes, que mais se affirmaram com o impulso dado pela geração que despontava. Esses matizes são os traços physionomicos da litteratura nacional; traços que a extremam da portugueza. Não é para admirar que isto assim seja, quando dissimilhanças identicas existem entre poetas que fallam a mesma lingua, dentro da mesma circumferencia geographica. « Os selvagens idyllios de Roberto Burns, diz E. Delaplace, teem o perfume das asperas charnecas da montuosa Escossia e ao contrario a brilhante facilidade do poeta laureado Tennyson lembra a copiosa fertilidade dos prados inglezes. » (2)

José de Alencar tambem explica a feição particular da nossa litteratura, o *porquê* da originalidade que a caracteriza nestas palavras da sua irrefutavel e eloquente resposta aos reparos injustos do Sr. Pinheiro Chagas, acerca da sua *Iracema*. « Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica só por si fórma sua individualidade. Mas si esses povos vivem em continentes distinctos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação nas idéas, nos sentimentos, nos costumes, e portanto na lingua, que é a expressão desses factos moraes e sociaes. » (3)

Desde o cruzamento dos primeiros colonos europeos com as raças anti-historicas do Brasil, o typo do portuguez modificou-se profundamente. « O latino, fundindo-se com o tupy, diz o Dr. Couto de Magalhães, produziu essa raça energica que constitue a quasi totalidade da população de *S. Paulo* e *Rio-Grande*, e a maioria do novo imperio. » A lingua tambem se alterou, obedecendo a essa evolução ethnica.

Do facto do *cruzamento primitivo*, tira o illustre investigador das *Origens da litteratura portugueza*, o Sr. Theophilo Braga, a razão da « *intensidade sentimental* » que caracteriza o lyrismo de Varella, de Castro Alves, de Junqueira Freire, de Alvares de Azevedo,

(1) *V. Correio Mercantil*, 5 de janeiro de 1862.

(2) E. Delaplace, *Revue Contemporaine*, 1865.

(3) *Iracema*, segunda edição.

de Franco de Sá, de Marques Rodrigues, de Casimiro de Abreu, de Felix da Cunha, de Gentil Homem e de tantos outros, para não fallarmos sinão dos mortos. « Quem se lembra, diz o eminente critico, da velha phrase de Lopo da Vega: « *Eu, senhora, tenho olhos de criança e alma de portugueza* » — só a pôde comprehender agora diante da *exaltação do brasileiro*. Nós somos hoje menos alguma cousa. » (1)

Não nos sendo possivel dar aqui o devido desenvolvimento, que pediam estas rapidas considerações *a proposito da litteratura brasileira*, fazemos nossas as seguintes palavras, com as quaes julgamos definir as nossas idéas: « Não ha duvida, diz Humboldt, que o clima, a configuração do sólo, o aspecto de uma natureza risonha ou selvagem influem nos progressos das artes e no estylo que lhes distingue as produções. »

(1) Th. Braga, *Parnaso portuguez moderno*.

I

COLOMBO

POR

M. DE A. PORTO-ALEGRE

A poesia, apesar de lhe chamarem *ficção*,
tem mil vezes mais precisão da realidade
que a historia.

E. QUINET.

Que assumpto mais proprio para agitar a Pythia do genio e
inflammar a *mens devinior* do vate, não é a *shaksperiana* epopéa
do Ostensor do Novo Continente?...

Epopéa escripta com o suor de angustias sobrehumanas e o
rescaldo de lagrimas que cegam, foi a vida do martyr genovez.
Rompendo as estreitas barreiras que lhe tolham os vãos, alargou
o planeta descripto por Strabão, Ptolomeu, Aristoteles, Plinio,
Seneca, Alfergan, Toscanelli, Marco Polo e Martinho Behaim;
entrevendo regiões mais bellas que a *Atlantida* do philosopho do
Sumnium, a *S. Brandan* dos habitantes das Canarias, a *Antilha*
dos phenicios e as *Ilhas Afortunadas* da poesia, além daquelle
Atlantico, por onde elle deveria voltar, ao rouquejar da calunnia
e da inveja; mais alquebrado pelas desillusões que ao peso das
algemas que lhe betaram os pulsos — sublime criminoso! desgraçado
invejavel! — depois de ter fechado nas delgadas mãos da Europa —
o' estupendo milagre do amor! — a grandeza incommensuravel
de um mundo.

A alentada inspiração que dictou a grandiosa *brasiliana* — A

destruição das florestas — escolheu muito de industria o largo quadro dessa tormentosa existencia, para os arrojados *dantescos* e as valentias à Hugo de sua irrequieta phantasia.

O seculo XV expirava, ao fragor das armas christans, solapando o derradeiro esteio da dominação arabe em Hespanha.— O fatalismo do Koran curvava-se diante da inflexivel e orgulhosa civilisação occidental, pedindo

« ... que um alvanel a porta mure
Por onde Boabdil desceu do throno. »

Eis o thema escolhido pelo Sr. Porto Alegre para emoldurar, si assim podemos nos exprimir, a superabundancia e a vehemencia do estro que se desata em caprichosas laçarias, derramando a flux as essencias subteis e as gemmas preciosas de sua opulenta inspiração; e readquirindo novas e mais admiraveis forças, à proporção que vae penetrando mais fundamente nas magestosas galerias de sua atrevida concepção.

Com a impetuosidade da *furia*, que é o signal caracteristico de sua intusepção artistica, rompe o poeta contra os preceitos de Aristoteles, abrindo o seu poema por um prologo.

Tal desvio, porém, não é censuravel. O estudo das epopéas indo-européas demonstra que são incompletas as regras deduzidas pelo Stagyrita, dos poemas homericos.

Depois do imponente *prologo*, em que o Sr. Porto-Alegre se compraz nas mais surprehendentes descrições (a *Visão de Aben Hassan*, a *Alhambra*, o *Torneio*) fazendo da penna uma palheta e obrigando Venerozo a emprestar-lhe o fulgor das tinctas à Shakspeare, a harmonia dos contrastes, e a Miguel Angelo a temeraria audacia do seu genio-legião, entrámos no rendilhado templo de seus cantos sonoros, ao retumbar dos mysticos accentos da intensa fé que o abraza. Dir-se-ia que caminhámos por entre as visualidades paradisaicas de um fumador de opio, ou na floresta encantada de Titania — a loira. Ha relampagos e faiscas de figuras; a vertigem toma de assalto os sentidos. As estrophes douradas pelo reverberar do sol que illumina o poema, sinelham basilicas e cathedraes, « cujas flechas voltadas p'ra o céu » mostram á alma o caminho da patria ausente, como diz o verso de Wordsworth.

Diante do deslumbramento dos nossos olhos, desfilam *hyperbolcs*

e *metaphoras*, *onomatopeas* e *antitheses*, *enargueas* e *apostrophes*, *mimesis* e *prosopopeas*, produzindo o ruído do penhasco que o *Ty-deiada* lançou contra *Aineias*. Cada canto é um caleidoscopio assombroso de imagens. Do Sr. Porto-Alegre poderia dizer-se o que um crítico francez escreveu a respeito de Paul Saint-Victor: « é um estylo á cata de um assumpto. »

Depois de atravessar as tumultuosas ruas da cidade, photographando scenas de desespero e de lagrimas, conduz-nos ao porto de Palos, onde fluctuam as tres caravellas do ousado *Navegante*. Estamos em pleno mar. Aqui, forçoso é confessal-o, tratando-se de um poeta como o Sr. Porto-Alegre, o seu genio não o levantou á altura do objectivo. O mar assombrou-o. As suas marinhas empallidecem diante das paysagens, dos quadros historicos, das soberbas descrições da fauna, da ornithologia e da flora brasileira, que enriquecem os quarenta cantos do poema. A tempestade, no archipelago das Canarias, não tem o relevo devido; os ventos não gemem nas enxarcias, com a aspera e desolada expressão de um canto *scalda* da ilha de *Haldor*; nem o mar em bonança faz-nos ouvir a « gemedora aleyone das saudades. »

Este senão é tanto mais censuravel quanto o heroe que o poeta canta, immortalisou-se por ter medido a desconhecida grandeza do Atlantico. Tratando-se de Christovão Colombo, é imperdoavel fazer do oceano um comparsa. *Eschylo*, no *Prometheo*, trata com mais magestade o velho *Okeanos*; Camões faz delle quasi o verdadeiro heroe dos *Luziadas*. Eis porque, referindo-se a esse padrão glorioso da nacionalidade portugueza, Humboldt colloca-o no grupo dos poemas humanos.

Antes de apreciarmos o *maravilhoso* das evocações do Sr. Porto-Alegre, demoremo-nos por alguns instantes no canto VIII, onde o genovez

Reconhece Leonor, que morta crera!

A Beatriz dos sonhos de sua juvenilidade,

« A rosa do sepulchro ao bafo ardente
De novo se abre, vivifica a essencia.
Tudo o que é immortal, no amor, resurge »

Todo esse canto é bellissimo. A canção sinistra da feiticeira Alcé

« Pythonisa do mar, fataes segredos
Nas ondas via, e no gemer dos ventos;
Fallava ás serpes, desviava os raios,
Attrahia o luar, e co'elle encantos
Nas cavernas dos montes fabricava;
As almas evocava, e via os mortos
A' luz da chamma de myrrados dedos
De criança, que só vivera um dia. »

contrasta com a descripção peregrina da visão que appareceu ao *Ligurio*.

Depois desdobra-se a têla do *maravilhoso* como um grande *fresco*, em que tivessem collaborado a pintura, a musica, a sculptura, a sciencia, a poesia e os sortilegios da Kabala.

Os profundos conhecimentos que tem o Sr. Porto-Alegre da historia, da archeologia, de antiguidades romanas e orientaes, de theogonias, etc., ministram-lhe largos subsidios para realisar a sua gigantesca concepção.

No *Canto X* começam os sortilegios de Pamorphio-Mephistopheles. O ministro de *Abbadão* tem a philosophia amarga e melancolica de *Jacques*, no « *Como vos agradar* », e pôde dizer com a affoiteza de *Satan*, do *Inferno* do Dante: « *Ed io son logico* » ao despir as seductoras fôrmas de Leonor.

Atravez o negrume cahotico do abysmo, penetra com Colombo

« nos atrios
Da sciencia infernal. »

Desde o *Canto X* até o *Canto XXIV*, em que *Pamorphio* some-se no mar

« Similhante a uma tromba perfurada
Que estaia, espadanando, um cataclysmo. »

ha verdadeira riqueza de poesia, movimento, profundeza de conceitos e inspiração.

A critica fluminense accusou o *maravilhoso* do Sr. Porto-Alegre, como destituido dos variados recursos que appareceram com a

revolução romantica. Não pensamos assim, nem os quatorze *cantos* que apontamos acima, justificam essa censura.

O romance pantheistico de Charles Victor Hugo—*Le Cochon de St Antoine*, e a *Tentation de St Antoine*, de Gustave Flaubert, não offerecem paginas onde o maravilhoso produza mais vibrantes sensações que a descripção da galeria do *Genitalio*, no canto XIII.

Perpassa diante dos olhos do *Navegante* a procissão dos grandes mortos, até que chegam

« Na casa de ouro, e na marmorea escada
Dos neronios jardins. »

Era preciso o folego epico do Sr. Porto-Alegre para descrever a tremenda orgia, em que afundou-se o Imperio dos Cesares. O sublime plagiario de Catão, como alguém chamou ao ultimo dos *Brutos*, tinha cahido na esplanada de Philippe, amortalhando-se nas amplas dobras da virtude romana. A lugubre voz do Mediterraneo atirára aos ventos consternados a prophetica exclamação: O grande *Pan* é morto! O Olympo estava vazio. Os deoses propicios dos tempos heroicos de Numa e Cincinato, chamavam-se então—*Cerdon*, *Felicion* e *Lucrum*, symbolos esqualidos da—*mercancia*, do *acaso* e do *roubo*. Era a quadra do *Satyricon* e do desgraçado e famelico Marcial. O carnaval da fome, o reinado de *Libitina* e de *Fortunata*. Petronio, o conviva de Nero, a synthetisa na pungitiva ironia do epitaphio do seu Trimalcão.

Depois desta magistral reconstrucção historica, digna de um Mommson, de um Niebuhr, de um Friedlander, o poeta nos faz assistir aos episodios da vida dos Incas e dos Aztecas. Conta-nos as theogonias do Mexico e do Perú, demorando-se na pintura dos mythos monstruosos do *Pantheon de Anahuac*.

Tratando-se de uma *epopéa* americana, não é um defeito a minuciosidade desses quadros; o *Colombo* é verdadeiramente a *epopéa* da primitiva civilisação da America hespanhola.

No *canto XXIV* o festim da *taba* é digno de figurar entre os mais vivos paineis da eschola a que se filia o Sr. Porto-Alegre. Um ou outro senão na discripção das *flóres e fructos* do Brasil não tira o prestigioso relevo dessa pagina, superior, em que pese á critica, ao catalogo da *Assumpção* e do *Uruguay*.

No *canto XXXIV* o Sr. Porto-Alegre eleva-se ás alturas epicas

L. 622. 848 AA 25/08/2022

dos grandes mestres. Quando Bobadilla dá voz de prisão ao Almirante :

« Mira-os Colombo, e um a um recúa,
Como se visse em seu olhar seguro
Duas lanças surgirem das pupillas ! »

« O silencio dos réus marcava a altura
Do grande crime, e o respeito imposto
Pelo homem que encerra altas virtudes.
Ergueu-se o *Nauta*, e Bobadilla mudo,
Mas tremendo, as algemas lhe apresenta,
Tanta era a emoção! E' que lá dentro
Naquelle ser, em que o remorso punge,
Inda havia um retraço humano, um ponto
E esse ponto era a luz da consciencia. »

ha scenas de tão profunda realidade, traduzidas com tanta mestria, que parece-nos estar lendo as melhores paginas de Walter Scott, de Goethe, de Hugo ou de Alexandre Herculano.

O desenlace não parece ter a grandeza exigida pelo poema: é frouxo.

Em resumo: o *Colombo*, apesar dos *dialogos* que o approximam do drama; da falta de algumas descrições (a dos *Estados-Unidos*, a *theogonia* dos *indios brasileiros*, por exemplo); o abuso de certos vocabulos, e pouca variedade de qualificativos, é a unica epopéa acabada que conta a nossa litteratura.

II

OS TYMBIRAS

POR

ANTONIO GONÇALVES DIAS

C'est un grand danger pour un poëte
que de savoir trop bien son metier ; sa
poésie montre alors l'homme de metier et
non le poëte.

TAINÉ, *Litterature Anglaise*, t. 4, p. 185.

De Porto-Alegre a Gonçalves Dias a transição não é difficil, mas a dissimilhança é profunda. Um, mesmo na estancia fugitiva da *odelette*, tange a *tuba sonora e bellicosa* da *Odyssea* ; o outro, até cantando :

- « Os ritos semibarbaros dos *Piagas*
- « Cultores de Tupan, e a terra virgem
- « Donde, como d'um throno, emfim se abrirão
- « Da cruz de Christo os piedosos braços ;
- « As festas, e batalhas mal sangradas
- « Do povo Americano, agora extincto »

faz resoar as cordas da apaixonada *lyra* das *Canções Americanas*. Um, o Sr. Porto-Alegre, canta com o prisma das côres, a fixidade dos toques e os derramamentos intensos da eschola veneziana ; tem as correcções do pincel, a agudeza da observação e o conhecimento da perspectiva. Antes de penetrar na essencia intima da impressão que o domina, antes da união hypostatica do

seu *eu* com a natureza que o enleva, as scintillações da fôrma enchem-lhe os olhos, corporificam-se, deitam-se-lhe aos pés — odaliscas amorosas — pedindo as primicias do seu lyrismo. Não já assim Gonçalves Dias. A inspiração que o arrasta, antes de fundir-se na harmonia do verso, passou primeiro pelo mais pessoal e intransmissível dos phenomenos psychologicos — o sentimento intimo. D'ahi a electrica vibração dos seus cantos.

No seu poema não concluido dos *Tymbiras*, eminentemente lyrico na substancia, Gonçalves Dias intentou realisar o pensamento que já havia esboçado no *Y-juca-pirama* e outros cantos epicos das *Poesias Americanas* : o desdobramento da poesia nacional desde a sua phase indiana, em uma vasta epopéa brasileira, que seria, como os livros sagrados dos Hindús, os fastos religiosos da nossa historia e civilisação.

Infelizmente, o naufragio ou o crime (1) roubou-nos, talvez, o mais alto e glorioso padrão da poesia brasileira, neste seculo.

Voltemos ao poema. No canto I, depois da fera lucta de um dos chefes dos *Gamellas* com o filho de *Jaguar*, o

« Tymbira hardido,
Esbeto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a frecha bem talhada »

o poeta, á maneira de Homero, nos faz a descripção dos heroes que correm ao som do *memby* troante de *Itajuba*. Antes, porém, dessa *revista* cheia de movimento, é digna de fixar a attenção a falla de *Itajuba* ao medroso *Jurucey* :

« Irás tu, *Jurucey*, por mim dizer-lhes :
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansaveis luctas,
Em quanto a maça não sopeza, em quanto
Dormem-lhe as settas no carcaz immoveis,
Offrece-vos liança e paz; — não ama
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue... »

(1) Si não nos falla a memoria, parece-nos ter lido isto em uma nota firmada pelo nome illustre do erudito litterato maranhense, o Sr. Dr. A. Henriques Leal, no Dicc. Bibliographico de Innocencio Francisco da Silva.

Reconhecendo do alto da montanha os seus guerreiros que acudiam

« Aos sons do cavo buzio conhecido,
Já tantas vezes repetidos antes
Por valles e por serras »

o heróe exclama :

« Tupan sorri-se lá dos astros,
..... lá, descuidosos
Das folganças de *Ibáhe*, heróes *tymbiras*
Contemplam-me, das nuvens debruçados
E por ventura de lhes ser seu filho
Enlevam-se, e repetem, não sem gloria,
Os seus cantores d'*Itajuba* o nome. »

Na descripção da noite, no canto II, não encontrámos o sentimento nem os toques suavissimos ou energicos que Gonçalves Dias costuma imprimir nas scenas que descreve e nos phenomenos que traduz. Em compensação, o canto do *piaga*, feiçiceiro e *voceri* a um tempo, melancolicamente sinistro como o piar da *acauán*, entristece o espirito.

O episodio de *Coema* « *flor de belleza, luz de amor* », é como uma ponte de rutilantes e inflammadas estancias entre as desoladas melopéas do rito do *piaga* e a plangente canção do louco *Piahiba*. Dir-se-ia que « *flor de belleza* » era uma perola chorada pelo luar equatorial, si não fôra o rythmo do canto *tymbira*:

« Flor de belleza, luz de amor, *Coema*,
..... onde te foste
Tão doce e bella quando o sol raiava ? »

A perfidia de *Orapacên* o tapuia, e o desespero de *Itajuba* são magistralmente desenhados. Bastava este canto para dar ao evocador dos autochtones o « primeiro logar entre os primeiros poetas da geração nova » como já dizia o Sr. Dr. Macedo Soares, no tempo em que os conspiradores desta outra *Varsovia* da juvenilidade e das letras brasileiras chamavam-se Alencar — o mestre, Manoel de Almeida, Laurindo Rebello e tantos outros que se recolheram, ao pino do dia, vencidos pela terrivel obsessão do bello-ideal.

O hymno ao romper da manhan, no canto III, é um primor que assignariam os nomes mais profundamente entalhados na « muralha da gloria deste seculo » como diz Saint-Beuve.

Gonçalves Dias tem o dom desta lingua admiravel *que o mundo escuta mas não falla*; e da poesia elle possui a nota mais alada — o lyrismo. Ama-se realmente contemplar com o poeta a *risonha aurora*; esse

« quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo. »

estilla essencias mais inebriantes do que todos os balsamos da Syria.

No canto IV desencadêa-se a furia guerreira; ruge a selva dos tacapes ao soprar de *pocemas* sanguinarias. Vae travar-se a lucta entre os fortes de *Gurupema* e os heroes *Tymbiras*. Corre em todo este canto a inspiração ardente e larga que faz do theatro de Schiller — um mundo singular. Parece uma symphonia cortada de relampagos e gemidos estridentes; a symphonia do desespero barbaro e da ferocidade primitiva, quando o homem e o leão se encaravam de frente.

Jurusey

« ... como o raio em noite escura
Cegou, desapareceu! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre; inquire.... embalde!
Ninguem foi, ninguem sabe; e todos viram. »

Remontou aos céos de Tupan o heroe tymbira, deixando na *taba* revolta, onde zunem frechas e restrugem os *borés*, não o *calumet da paz* de *Gitche Manito*, mas sim a prophetica condemnação das infelizes raças aborigenes.

Apezar de alguns senões que maculam a perfeição do poema, os *Tymbiras* permanecerão de pé, entre os bronzes e os marmores que povoam o novo, mas já opulento musêo da arte brasileira, como um attestado vivo da grandeza da primeira tentativa epica, verdadeiramente nacional, da poesia n'estes ultimos vinte annos.

Um outro grande poeta, em um futuro não muito remoto.

talvez complete a obra bosquejada pelo immortal cantor do *Gigante de pedra*, provando assim que as afinidades do genio approximam mais que os vinculos do sangue. (1)

Ao poeta das esplendidas paysagens americanas, e do

« ... doce paiz de Congo,
Doces terras de além mar! »

podia-se applicar a fina observação de Joubert: « *Les mots s'illuminent quand le doigt du poète y fait passer son phosphore; les mots des poètes conservent du sens même lorsqu'ils sont detachés des autres, et plaisent isolés comme de beaux sons; on dirait des paroles lumineuses, de l'or, des perles, des diamants et des fleurs.* »

(1) Referimo-nos ao jovem, mas já celebre poeta, o Sr. *Theophilo Dias*, estudante de direito, na faculdade de S. Paulo. A precocidade de Ovidio de Pascal, de Mozart, de Chatterton, de Leopardi, de Gerard de Nerval e de tantos outros engenhos que assombraram o mundo, não nos causa mais a sensação do pasmo. O glorioso herdeiro do nome de *Gonçalves Dias*, mal completava os seus vinte annos — rutilante alvorada de um futuro, que já é uma realidade esplendida! — entregava á admiração dos conterraneos o segundo volume de seus inspirados versos. Quando as primicias de uma vocação litteraria são como a *Lyra dos Verdes Annos* e os *Cantos Tropicães* o que teve a fortuna de as saudar, primeiro, é Chateaubriand, por força: prophetisa os arrojos da aguia. A mocidade de S. Paulo, porém, não affagou como o velho poeta bretão a cabeça loira do *enfant terrible!* não: levantando-se como um só homem, — ella, que é tão rica e tão soberba de seus talentos! — curvou-se respeitosa ante o *magnus sacerdos* que lhe trazia o evangelho do sonhado idéal.

III

POESIAS LYRICAS

BERNARDO GUIMARÃES

Tout homme qu'une idée, si subtile et si imprevue qu'on la suppose, prend en défaut, n'est pas un écrivain. L'inexprimable n'existe pas.

THÉOPHILE GAUTIER.

Se a critica brasileira tivesse de synthetisar em uma só phrase o valor litterario de Bernardo Guimarães, de certo entalharia no magestoso frontão de sua obra sculptural — a severa maxima do poeta dos *Emaux et Camées*: « O inexprimivel não existe. »

As *Poesias* e os *Cantos da Solidão* do poeta mineiro, com effeito, justificam plenamente a terrivel concisão do gnoma de Th. Gautier. Não ha cambiantes, nem reflexos, nem abstracções, por mais tenues e subtis que sejam, que escapem á coercibilidade da fôrma impeccavel, nitida e vibrante da sua harmoniosa e larga inspiração. Todos os tons e todos os matizes lhe são familiares. O registro de sua musa abrange toda a escala chromatica da poesia, desde a nota elegiaca da nenia, o *vibrar melodioso e triste* da saudade,

« ... que murmura entre ruinas,
Os gemebundos échos acordando »

até as inspirações diabolicas da *orgia dos duendes*, até aos magestosos e soberbos paineis da natureza.

« Adeos, ó tarde!—já nas frouxas cordas
Rouqueja o canto, e a voz me desfallece....
Mil e mil vezes raiarás ainda
N'estes sitios saudosos, que escutarão
De minha lyra o deleixado accento;
Mas, ai de mim!... nas solitarias veigas
Não mais escutarás a voz do bardo,
Hymnos casando ao susurrar da briza
Para saudar teus magicos fulgores.
Silenciosa e triste está minha alma,
Bem como lyra de estaladas cordas
Que o trovador esquece pendurada
No ramo do arvoreda
Em ocio triste balançando ao vento. »

O segredo dos rythmos melodosos da poesia de Bernardo Guimarães não está só nos quadros e nos assumptos em que se inspira o seu accentuado e vivissimo lyrismo: está sobretudo na sciencia profunda do verso, que elle conhece e maneja como o maior artista.

Se tivessesmos de constatar a filiação poetica de Bernardo Guimarães, os versos de Elmano e de Gonzaga nol-a indicariam.

A harmonia, pois, é o traço mais saliente de sua obra, e a gloriosa exerga que o futuro ha de gravar na impercível medalha de sua vida litteraria.

L. N. FAGUNDES VARELLA

O nome deste poeta, como a trompa magica de *Oberon*, faz entreabrir-se a encantada floresta da poesia brasileira.

Os rouxinoes e as calhandras acodem ás suas evocações; as sereias e os genios do remo perpassam em bando, se elle compulsa a melodiosa lyra dos *Cantos Meridionaes*.

Todos os seres que palpitam e vivem nas sonoras plagas da terra natal, os

« ... sabiás que cantão
Nas mangueiras do pomar! »

e as

« fadas
Que dansão no arrebol »

confundidas em um immenso côro de poesia, adejam e zumbem nas chrySTALLINAS estrophes do cantor de *Mimosa*. E' que Varella era antes de tudo—brasileiro. Encheo os olhos com a luz das nossas alvoradas; fixou na retina as tardes, os crepusculos e as nossas noites de luar.

Vio a natureza com o amor de filho e os arrebatamentos de amante. D'hi a melancolia e as explosões da sua musa.

O seu genio tinha o chammejar deste sol de fogo e a suavidade do prisma. Pela grandeza das concepções era o Amazonas; pela passividade do sentimento, lembra Santa Thereza de Jesus; pela expontaneidade do lyrismo só pôde ser comparado á vertiginosa flora do equador.

A liberdade e o amor foram os grandes deoses de seu risonho pantheismo.

Como o bardo da *puzta* magyar, Varella cantou o sertão, ao passar de todos os ventos, em todos os seus aspectos.

Na infrene corrida do *Cavallo* que,

« Corre, vda, transpõe os outeiros,
Corta os charcos de sombra cobertos,
Quebra as pedras, escurva as planicies,
Vinga os serros, — devora os desertos! »

Varella vae enfeixando todas as miragens que contemplam os seus olhos avidos, todos os thezouros de sentimento que a natureza lhe derrama n'alma.

Depois são oblações, gritos de triumpho, hymnos de fervido reconhecimento:

« Oh ! selvas de minha terra !
Oh ! meu céu de azul setim !
Regatos de argenteas ondas !
Verdes campinas sem fim ! »

A cidade atrophia o poeta, mata-lhe o genio com o

« Seu cortejo de vicios e trahições. »

Elle só deseja:

« correr os desertos,
Devassar as cordilheiras,
Matar a sede e o cansaço
Nas aguas da cachoeira.

« ao descer as montanhas
A' luz que o luar espalha,
Ouvir no valle a viola
Soar na choça de palha.

« Ver descer os lavradores
Pelas encostas dos montes,
Emquanto lindas, faceiras,
Voltão as filhas das fontes. »

N'estes quadros a Topffer, em que se fundem luz, perfumes, sentimento, nenhum lyrico brasileiro, nem de outras litteraturas, pôde rivalisar com o mallogrado cantor do *Evangelho nas Selvas*.

« Varella foi o poeta da simplicidade e da singeleza » disse-o Ferreira de Menezes, talhando no marmore do estylo um monumento digno do genio que partio, depois de derramar na poeirenta curva por onde regressou á patria celestial—a branca urna das rosas e dos lyrios da harmonia, que lhe cantava n'alma.

Era com effeito singelo o poeta das *Névoas*, das *Lyras* e das *Serenatas*, mas dessa singeleza que se confunde com a luz, de tão transparente que é.

Só um vidente, uma alma *swedenborgiana*, um poeta do Iran
—Keiam ou Hafiz, podia escrever o *Canto dos Sabiás*:

« Serão de mortos anjinhos
O cantar de errantes almas,
Dos coqueiraes florescentes
A brincar nas verdes palmas,
Estas notas maviosas
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar. »

Ha no rythmo destes versos estranhas vibrações, perfumes da aurora primitiva, um como fremito do infinito: inebriam e afogam a alma no mysterioso oceano da scisma.

Analysar os cantos de Varella seria uma profanação. Não se mede, não se peza, não se diseca, não se joeira, nem se faz passar pelos cadinhos da critica—o trinar das aves, os arremessos da aguia e o irradiar das esferas.

Em face do bello, o espirito absorve-se no extasis. Foi o que fizeram os velhos de Illion, diante de Helena.

Varella cahio fulminado, pela nevrose do genio, nos braços da sua familia, que representava n'aquelle momento doloroso a patria consternada.

